

III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade – 2025

Territórios em Luta: Práticas dissidentes de (re)existência

IF A PÉ: CAMINHADA DIAGNÓSTICA PELA RUA PEDRO VICENTE NO CONTEXTO DO MAIO AMARELO 2025

PESSOA, Ana Julia Meira¹; MOREIRA, Gabrielly Costa²; POSSOMATO, Giullia Paula³; SANTOS, Lucas Virginio dos⁴; BARBOSA, Marcelo Cavaliari⁵; BRITO, Pedro Candido de Castro⁶; VASCONCELOS, Rafael Funier de⁷; GALLO, Douglas Luciano Lopes⁸; SANTOS, Aline Silva⁹

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Participante do Projeto de Extensão LABurbANO: urbanismo tático em entornos escolares, Oby – laboratório cidade paisagem, IFSP, Campus São Paulo, ana.meira@aluno.ifsp.edu.br

² Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Participante do Projeto de Extensão LABurbANO: urbanismo tático em entornos escolares, Oby – laboratório cidade paisagem, IFSP, Campus São Paulo, moreira.gabrielly@aluno.ifsp.edu.br

³ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Participante do Projeto de Extensão LABurbANO: urbanismo tático em entornos escolares, Oby – laboratório cidade paisagem, IFSP, Campus São Paulo, g.possomato@aluno.ifsp.edu.br

⁴ Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Participante do Projeto de Extensão LABurbANO: urbanismo tático em entornos escolares, Oby – laboratório cidade paisagem, IFSP, Campus São Paulo, lucaseu07@gmail.com

⁵ Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Participante do Projeto de Extensão LABurbANO: urbanismo tático em entornos escolares, Oby – laboratório cidade paisagem, IFSP, Campus São Paulo, marcelocavbarbosa100@gmail.com

⁶ Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Participante do Projeto de Extensão LABurbANO: urbanismo tático em entornos escolares, Oby – laboratório cidade paisagem, IFSP, Campus São Paulo, candido.pedro@aluno.ifsp.edu.br

⁷ Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Participante do Projeto de Extensão LABurbANO: urbanismo tático em entornos escolares, Oby – laboratório cidade paisagem, IFSP, Campus São Paulo, funier.r@aluno.ifsp.edu.br

⁸ Professor Doutor, coordenador do Projeto de Extensão LABurbANO: urbanismo tático em entornos escolares, líder do grupo de pesquisa Oby – laboratório cidade paisagem, IFSP, Campus São Paulo, douglas.gallo@ifsp.edu.br.

⁹ Professora Doutora, coordenadora do Projeto de Extensão LABurbANO: urbanismo tático em entornos escolares, participante do grupo de pesquisa Oby – laboratório cidade paisagem, IFSP, Campus São Paulo, aline.santos@ifsp.edu.br.

Sessão Temática: 2 – Educação e saberes insurgentes

RESUMO: A ação de extensão “IF a Pé”, realizada em maio de 2025 pelo IFSP no contexto do “Maio Amarelo”, consistiu em uma caminhada diagnóstica entre o Campus São Paulo e a Estação Armênia do Metrô, ao longo da Rua Pedro Vicente, com participação de 8 estudantes. A metodologia incluiu observação direta, registros fotográficos, aplicação de formulários antes e depois do percurso e relatos etnográficos. Os resultados apontaram problemas de acessibilidade, travessias inseguras e iluminação deficiente, mas também evidenciaram o potencial da mobilidade ativa como prática educativa e insurgente. Conclui-se que a ação contribuiu para refletir sobre a segurança do pedestre e a valorização do caminhar como direito urbano fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: mobilidade ativa; placemaking; cidade humana; direito à cidade; práticas insurgentes.

IF A PÉ (IF ON FOOT): DIAGNOSTIC WALK ALONG PEDRO VICENTE STREET IN THE CONTEXT OF MAIO AMARELO (YELLOW MAY) 2025

ABSTRACT: *The outreach initiative “IF a Pé” (IF on Foot), carried out in May 2025 by the IFSP in the context of “Maio Amarelo” (Yellow May), consisted of a diagnostic walk between the São Paulo Campus and the Armênia Metro Station, along Rua Pedro Vicente, with the participation of 8 students. The methodology included direct observation, photographic records, application of forms before and after the route, and ethnographic reports. The results pointed to problems of accessibility, unsafe crossings, and poor lighting, but also highlighted the potential of active mobility as an educational and insurgent practice. It was concluded that the action contributed to reflecting on pedestrian safety and the appreciation of walking as a fundamental urban right.*

KEYWORDS: *active mobility; placemaking; human city; right to the city; insurgent practices.*

INTRODUÇÃO

O “Maio Amarelo” é um movimento internacional de conscientização para a redução de acidentes de trânsito, criado em 2014 e reconhecido pela ONU, que busca mobilizar sociedade civil, governos e instituições para a construção de uma mobilidade mais segura e humana (Observatório Nacional de Segurança Viária, 2023). Em sua edição de 2025, o tema “Mobilidade Humana, Responsabilidade Humana” enfatiza a necessidade de valorizar os deslocamentos não motorizados, em especial a caminhada e o uso da bicicleta, que além de sustentáveis são fundamentais para a saúde coletiva e para a justiça espacial.

Nesse contexto, o grupo de pesquisa oby – laboratório cidade paisagem, por meio do projeto de extensão “LABurbANO – Laboratório de Urbanismo Humano”, organizou a ação “IF a Pé”, uma caminhada diagnóstica pela Rua Pedro Vicente, entre o Instituto Federal de São Paulo (IFSP – Campus São Paulo) e a Estação Armênia de Metrô. A escolha do trajeto não foi aleatória: trata-se do principal percurso de estudantes, docentes e servidores que utilizam transporte público e acessam diariamente a instituição, configurando-se como espaço cotidiano de mobilidade ativa.

O objetivo da ação foi refletir sobre as condições de segurança do pedestre nesse trajeto, discutir como a infraestrutura urbana afeta a percepção de risco e a qualidade da experiência de caminhar, além de inserir o debate do “Maio Amarelo” no campo da educação urbanística e da extensão universitária. Assim, este artigo apresenta um relato crítico da ação “IF a Pé”, contextualizando sua pertinência no debate contemporâneo sobre mobilidade urbana sustentável, segurança viária e direito à cidade

METODOLOGIA

A ação “IF a Pé” ocorreu em maio de 2025 e contou com a participação de 8 estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo, além dos alunos participantes do projeto, que foram monitores (Figura 1).

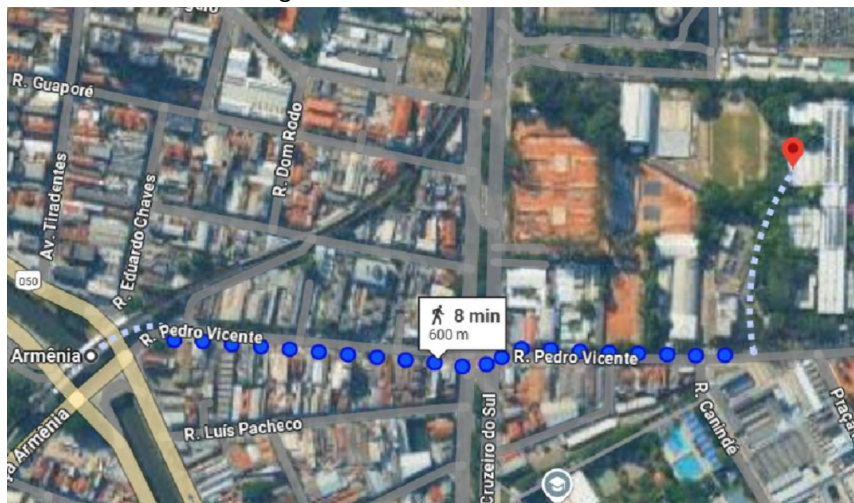
Figura 1. Participantes da Atividade IF a Pé.



Fonte: Acervo do grupo, 2025

O percurso analisado foi o trajeto de cerca de 600 metros entre a entrada principal do IFSP (Rua Pedro Vicente, nº 625) e a Estação Armênia do Metrô (Figura 2). A escolha se justificou por três razões principais: 1) fluxo diário intenso de pedestres: grande parte da comunidade acadêmica depende do metrô para acessar o campus; 2) condições urbanísticas críticas: a rua apresenta problemas recorrentes de calçadas, iluminação e travessias; 3) importância estratégica: conecta um equipamento educacional relevante a um eixo de transporte metropolitano.

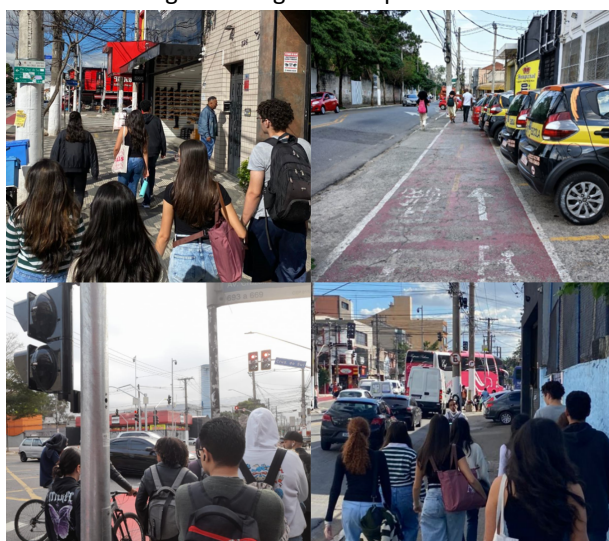
Figura 2. Percurso da caminhada



Fonte: Google Maps, 2025

A metodologia da caminhada diagnóstica foi estruturada em três eixos: levantamento objetivo (formulários online), percepção subjetiva e registro etnográfico. Para o levantamento objetivo foram observadas percepções (antes e depois da caminhada) referentes à: acessibilidade, sensações despertadas pelo percurso; conforto ambiental; segurança e convivência entre usuários; fluxos de usuários; presença de áreas verdes; sinalização viária; iluminação; qualidade da pavimentação; e, segurança viária e pessoa. Os dados foram complementados por registros fotográficos (Figura 3) e relato das percepções subjetivas dos participantes, numa tentativa de relato de campo etnográfico. Para Magnani *et al.* (2023), a caminhada é um instrumento fundamental para a etnografia urbana, permitindo a observação de perto de como os espaços são produzidos e apropriados.

Figura 3. Registros do percurso



Fonte: Acervo do grupo, 2025

Por fim, foi realizada uma discussão coletiva ao final do percurso, na qual os participantes compartilharam suas impressões e elaboraram conjuntamente os principais pontos críticos e propostas de intervenção para a melhoria do trajeto. A ação foi divulgada como parte da programação do “Maio Amarelo”, reforçando seu caráter educativo, de conscientização e de engajamento comunitário, numa dinâmica de resistência ao rodoviarismo dominante no planejamento urbano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise coletiva do trajeto revelou uma série de problemas estruturais enfrentados diariamente pelos pedestres no trajeto desta via importante para a comunidade acadêmica e do bairro (Quadro 1).

Quadro 1. Principais problemas observados na Caminhada pela Rua Pedro Vicente.

Problemática	Descrição
Calçadas irregulares	Grande parte da Rua Pedro Vicente apresenta pisos quebrados, buracos e obstáculos que dificultam a acessibilidade, sobretudo para cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida
Travessias inseguras	Ausência de faixas de pedestre em pontos de maior fluxo e inexistência de semáforos que garantam prioridade ao pedestre
Iluminação deficiente	Em vários trechos, a iluminação pública é insuficiente, gerando sensação de insegurança, especialmente no período noturno
Conflito com automóveis	Veículos estacionados em calçadas e circulação de motocicletas em áreas de pedestres foram observados com frequência
Sinalização	Ausência de sinalização educativa e campanhas ou dispositivos que reforcem o respeito ao pedestre no trajeto
Ciclo estrutura	Má qualidade da pintura e da pavimentação e conflito com pedestres, tendo em vista que parte da ciclofaixa foi pintada no passeio público

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025

Os debates ao final da caminhada trouxeram reflexões sobre a responsabilidade coletiva na promoção da mobilidade segura. Para além da infraestrutura, há dimensões culturais e políticas que precisam ser enfrentadas: a prevalência de uma cultura do automóvel que desvaloriza o pedestre; a ausência de planejamento integrado entre transporte público e mobilidade ativa; a necessidade de educação para o trânsito que reconheça a vulnerabilidade do pedestre.

A Rua Pedro Vicente, entre o IFSP e a estação Armênia, pode ser entendida como um território em disputa. Por um lado, a lógica hegemônica da cidade prioriza os automóveis e negligencia a infraestrutura para pedestres. Por outro, a caminhada diagnóstica se coloca como ato político de insurgência, ao reivindicar segurança e prioridade para quem caminha. A ação mostrou que até percursos cotidianos podem se tornar espaços de luta pelo direito à cidade.

A caminhada evidenciou que diferentes grupos vivenciam de forma desigual a mobilidade ativa. Mulheres, idosos, pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida enfrentam riscos agravados pela falta de infraestrutura e pela violência simbólica e material da cidade. A leitura interseccional é fundamental para compreender que a insegurança viária não é homogênea: ela se cruza com questões de gênero, idade, raça e classe social, que definem quem pode circular com mais ou menos liberdade.

Essa discussão ecoa autores como David Harvey (2012), ao destacar que a luta pelo direito à cidade é também a luta pela apropriação segura e justa do espaço urbano. A ação “IF a Pé” insere-se, portanto, como prática insurgente, ao denunciar a precarização do caminhar em um dos principais acessos de uma instituição pública de ensino. Além disso, a experiência reforça a pertinência de se adotar metodologias participativas, nas quais a própria comunidade reconhece problemas e constrói soluções, em sintonia com o que Jane Jacobs (2011) já defendia ao valorizar o conhecimento local e a diversidade da vida urbana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação “IF a Pé” demonstrou que a extensão universitária pode desempenhar papel estratégico na articulação entre educação, cidadania e mobilidade urbana. Ao caminhar coletivamente pela Rua Pedro Vicente, os estudantes não apenas diagnosticaram problemas de infraestrutura, mas também refletiram sobre as dimensões políticas e culturais que atravessam a mobilidade ativa no Brasil. No marco do “Maio Amarelo 2025”, discutir a segurança do pedestre é fundamental para reposicionar a centralidade da vida humana no planejamento das cidades. A caminhada diagnóstica evidenciou que a simples travessia cotidiana entre o IFSP e a Estação Armênia está permeada de riscos e barreiras que limitam o direito à mobilidade plena.

Assim, conclui-se que iniciativas como o “IF a Pé” precisam ser fortalecidas e replicadas, tanto como instrumentos pedagógicos de formação cidadã quanto como estratégias de incidência política na transformação urbana. A cidade segura e inclusiva só será possível quando o pedestre for compreendido como prioridade e quando a mobilidade ativa deixar de ser vista como um privilégio, para ser assumida como um direito urbano fundamental. Ao propor que estudantes percorram coletivamente o trajeto, o grupo rompeu com a lógica individualizada e invisibilizada do caminhar. Trata-se de uma prática dissidente porque questiona a naturalização da insegurança e da precariedade do espaço urbano, transformando o simples ato de andar em gesto de resistência e (re)existência coletiva.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao grupo de pesquisa Oby – laboratório cidade paisagem, pelo espaço de colaboração, trocas e aprendizados que foram essenciais para a construção desta experiência acadêmica, e às instituições escolares parceiras do projeto de extensão.

REFERÊNCIAS

HARVEY, D. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MAGNANI, J. G. C.; SPAGGIARI, E.; NOGUEIRA, M. H. V. G.; CHIQUETTO, R. V.; TAMBUCCI, Y. B. **Etnografias urbanas**: quando o campo é a cidade. Petrópolis: Vozes, 2023.

OBSERVATÓRIO NACIONAL DE SEGURANÇA VIÁRIA. **Maio Amarelo**: Mobilização pela vida no trânsito, 2023.